

TEM *INCEL* NA UNIVERSIDADE? GRUPOS MASCULINISTAS DE ÓDIO – DOS FÓRUMS VIRTUAIS DE DISCUSSÃO À VIDA ACADÊMICA

Eixo Temático 28 – OFENSIVAS ANTIGÊNERO: ATORES, DINÂMICAS E POLÍTICAS

Marta Bellini¹
Fabiana Aparecida de Carvalho²

RESUMO: O presente trabalho, em caráter ensaístico, problematiza a presença crescente de grupos masculinistas *INCEL* em fóruns virtuais que atraem a atenção de estudantes universitários. Com o aporte das teorizações feministas e de gênero, discute as dinâmicas *INCEL* como dispositivos antigênero e alerta para a atuação desses grupos promotores de discursos de ódio e violências generificadas.

Palavras-chave: Discurso de ódio; Antigênero, Supremacismo, Misoginia

INTRODUÇÃO

Com a analítica dos Estudos de Gênero, que se debruçam nas compreensões semiológicas, sociais e políticas das estruturas sociais, representações culturais e construções de feminilidades, masculinidades (aqui em destaque a masculinidade opressiva) e outras expressividades de gênero, este ensaio volta-se à problematização dos grupos *INCEL* em fóruns de discussão virtuais e em espaços acadêmicos.

O interesse em discutir e apontar as práticas *INCEL* surgiu após a constatação da presença de uma comunidade, mantida por estudantes direta ou indiretamente ligados a uma universidade pública, na Rede Virtual *Discord*. Diversos *QR Codes* de acesso ao ‘servidor³’ das discussões foram espalhados nas redes sociais e nos corredores da universidade; o link remetia ao fórum *online*. Não há identificação das pessoas na Comunidade *INCEL* e os participantes utilizam *nick names* e perfis fantasiosos, reportando-se a animes, super-heróis, políticos ou ícones da internet. As menções

¹ Doutora em Psicologia Social, Professora Associada, Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM) (PR), E-mail: martabellini@uol.com.br

² Doutora em Educação para a Ciências e a Matemática, Professora Adjunta, Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá (UEM) (PR). E-mail: facarvalho@uem.br

³ Nome dado à cada comunidade ou guilda no aplicativo *Discord*. Manteremos a flexão de gênero no masculino por se tratar de grupos difusores de pedagogias masculinistas e opressivas.

específicas às graduações são para quantificar o número de estudantes participantes por curso ou sobre atividades acadêmicas, logo, a identificação pessoal é dificultada e o território virtual torna-se um gueto com trolagens e ódio direcionados às alteridades e às diferenças.

Postagens com discursos antigênero e LGBTfóbicos (com menções chulas às mulheres cisgêneras, transgêneras, às travestis e às pessoas dissidentes da heteronorma), discursos racialistas, discursos antiesquerda, de apoio ao Presidente Jair Messias Bolsonaro e incitações à violência e discriminação estão presentes nas interações, ascendendo nossas preocupações ativistas acerca de como essas comunidades performam certos extremismos que tomam conta do Brasil.

Sobre os extremismos podemos dizer que, ao longo das duas últimas décadas, movimentos propagadores de uma pedagogia da crueldade disseminaram-se em diferentes setores sociais, congregando, inclusive, representatividade política, simbólica e narrativas que atraem simpatizantes em diversos países. Em boa parte desses, as posições extremistas e ideológicas gestadas pela *Alt-right* captura a atenção de jovens seguidores. A *Alt-right* (direita alternativa) é uma facção política difusa gestada nos Estados Unidos (EUA), com ramificações pela Europa e outros territórios, especialmente a partir da eleição de Donald Trump e da projeção de discursividades que congregam correntes neoconservadoras antissistema.

Tais correntes são enviesadas por teorias conspiracionistas acerca de uma suposta dominação cultural pelos setores progressistas ou de frente esquerdo-partidária e por aversão às pautas identitárias (NAGLE, 2017; DIAS, 2018). Em suas narrativas, discursos de ódio são endossados por posturas supremacistas, racistas e de cunho fascista responsáveis por constelar ofensas direcionadas aos subalternizados socialmente, especialmente negros, mulheres, LGBTQIA+, latinos, semitas e refugiados.

Segundo Valenti (2018), na esteira da *Alt-right*, comunidades masculinistas (ou *mascus*) crescem exponencialmente nas redes sociais e plataformas denominadas de *chans*. Essas bolhas virtuais, apelidadas de ‘Machosfera’ (NAGLE, 2017), congregam os fóruns de direitos dos homens, os agentes do *pick-up artists* (artistas da sedução) e *INCEL* – nosso objeto de interpelação.

O termo *INCEL* ou Celibatários Involuntários designa grupos de homens, em sua maioria heterossexuais, que não conseguem ter relações afetivas e sexuais consensuais com mulheres (BRAGA, 2021). Segundo a *Southern Poverty Law Center* (SPLC) (*apud*

VALENTI, 2018), organização que monitora grupos supremacistas desde 1970, os *INCEL* surgiram em locais como escolas e universidades nos anos de 1990, inicialmente como apologia ao solteirismo, passando a ser influenciados por *gamers* e pela cultura *pop*. Atualmente, muitas comunidades *online INCEL* organizam-se em torno de um ‘terrorismo misógino’ (NAGLE, 2017) e da ideia biológica determinista de inferioridade da mulher (LING, 2018). Esse determinismo, a nosso ver, funciona como um dispositivo antigênero de regulação que também valida estratégias punitivas, o controle dos corpos das mulheres que não querem sexo com garotos e a disciplinarização na roupagem da opressão masculina-patriarcal.

INCEL sustentam a ideia de que mulheres bonitas devem submissão aos homens ricos, geneticamente favorecidos e sexualmente atrativos ou devem ser forçadas a relações com rapazes não atrativos e não privilegiados biológica e socialmente (VALENTI, 2018; ARONOVICH, 2018). Especialmente por meio de postagens aparentemente sem conexão com a realidade, porém carregadas de animosidade e significações perigosas, os grupos fomentam chacotas, *cyberbulling*, ameaças e ataques, alguns dos quais resultantes em massacres ou mortes nos EUA.

É, portanto, sobre as ofensivas antigênero dos *INCEL* que este texto aborda, retomando, em algumas frentes, quem são os atores do grupo, como propagam táticas masculinistas de ódio, seus vínculos às ideologias difusas e seus perigos para do manifesto ingênuo de rapazes revoltados com o insucesso sexual.

INCEL E O EXTREMISMO MASCULINO DA EXTREMA-DIREITA

INCEL são notícia desde o ‘Massacre de Isla Vista’, cometido em 2014 por Elliot Rodger, com o registro de morte de 7 pessoas e 14 estudantes feridos no Campus da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. Elliot deixou um texto denominado ‘Meu Mundo Distorcido’, uma espécie de manual para garotos que se sentem rejeitados, com preceitos vingativos, aniquilações e feminicídios a serem praticados em instituições de ensino, redes sociais ou associações comunitárias. (ARONOVICH, 2014). Já em 2018, em Toronto, no Canadá, Alek Minassian matou 10 pessoas atirando uma van em um grupo de pedestres. Pouco antes do ataque, Minassian postou na rede *Facebook* texto com os dizeres: "A rebelião 'incel' já começou! Vamos derrotar todos os *Chads* (**homens atraentes e sexualmente ativos**) e *Stacys* (**mulheres bonitas e sexualmente ativos**). Todos saúdem o cavalheiro supremo Elliot Rodger” (BBC..., 2018, s/p, grifos nossos).

Ainda nos EUA, o cineasta *INCEL* Jack Peterson mantém o bate-papo *Incelcast* e outros similares no *Reddit* e nos chamados *chans* (*4chan*, *dogolachan*, *8chan*) – canais pelos quais se agregam diversas formas e tendências de ações violentas contra mulheres, homossexuais, lésbicas, transexuais, ativistas por direitos humanos e militantes de esquerda (THE GUARDIAN, 2018).

No Brasil, o blogueiro Marcelo Silveira Mello foi preso em 2018 por crimes virtuais, apologia ao racismo, ao nazismo e ódio direcionado a mulheres, negros, gays e partidos de esquerda em fóruns clandestinos na *deepweb*. Marcelo estabelecia contato com homens misóginos de extrema-direita autointitulados *Men's Rights Activists* (MRA's) ou defensores pelos direitos dos homens e *INCEL*, que se reuniam para atacar feministas e mantinham a convicção de que o matriarcado teria como vítima os homens heterossexuais brancos (ARONOVICH, 2018). Em 2019, Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro promoveram o 'Massacre de Suzano'. Armados com revólveres, machadinhas e coquetéis *molotov*, os atiradores assassinaram 8 pessoas entre alunos e professores de uma escola da grande São Paulo e, em seguida, suicidaram-se. O túmulo de Tauci, considerado o idealizador da violência e tratado como um herói por ter se inspirado nos 'Ataques de Columbine', recebe visitas periodicamente; odes *INCEL* no *Dogolachan* exaltam o ataque como exemplo (VARGAS, 2020).

Os espaços virtuais *INCEL* também receberam influências de acontecimentos políticos do pleito de 2018 e de discursos da *Alt-right*, tornando-se protagonistas na eleição de Jair Bolsonaro e de ataques cibernéticos ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Para Declercq (2019), Bolsonaro posicionou-se como representante de uma rebeldia neoconservadora e revolucionária, cooptando jovens antifeministas, antigênero, avessos às políticas identitárias e ao politicamente correto numa espécie de simbiose com o ressentimento econômico, a perda de poder aquisitivo e a crise de masculinidade. Há grupos *INCEL* divergentes das apologias violentas e de alguns posicionamentos do ex-capitão do exército, no entanto, "a hipótese de que Bolsonaro resgataria a masculinidade 'perdida' entre os homens é o fator mais importante entre os *incels* que simpatizam com o atual presidente" (DECLERCQ, 2019, s/p).

Grupos *INCEL* manifestam também antissemitismo, ódio a LGBTQIA+, xenofobia, negação do Holocausto, negação da pandemia de COVID-19, negação de governos ditatoriais, ódio a pobres ou demais grupos socialmente desfavorecidos. No

entanto, o traço que os une e a pequena digressão apresentada na escrita possuem em comum o masculinismo – dispositivo antigênero pautado pelo ódio ao feminino e pela masculinidade tóxica.

A nosso ver, os dispositivos antigênero estão atrelados às ideologias de extrema-direita, ao neoconservadorismo religioso e ao neoliberalismo econômico, visando o controle da ordem e normativa simbólica, dos padrões morais e afetivos das pessoas e da produção econômica (RUBIN, 2003, BUTLER; 2004). São, sobretudo, uma frente reativa aos questionamentos realizados por movimentos sociais, feministas, grupos negros e LGBTQIA+ que atuam em prol dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos, desconstruindo e criticando as normativas de coesão natural, sexual e racial impostas pelo patriarcado, pela branquitude e pelos dualismos de gênero.

Como dispositivo antigênero, algumas teorias de supremacia masculina acreditam que os processos civilizatórios e progressistas feminilizam a espécie humana, enfraquecendo a virilidade do homem que necessita, sobretudo, recobrar sua essência hostil e tribal em associações também militares, de caça, jogo ou de reiteração reprodutiva das mulheres (PINHEIRO-MACHADO, 2019). Os princípios centrais das ideologias masculinistas na internet são muito contraditórios indo de ativismos sobre a saúde do homem, suicídio, apontamento de serviços sociais desiguais até o sustento da incompetência de mulheres, da subvenção feminista à opressão dos homens, apologias da desigualdade estrutural de gênero, obrigatoriedade de sexo e da função reprodutiva.

Conforme apontado por Nagle (2017), as críticas de muitos homens às restrições impostas ao papel masculino tradicional deram lugar a uma celebração da própria masculinidade em níveis assustadores, enquanto o feminismo se tornou a força política inimiga em subculturas obcecadas pelo celibato, pelo ódio e pelo ressentimento. Nessa lógica, grupos *INCEL* alinham-se a objetivos explícitos ou implícitos de coagir e oprimir mulheres ou pessoas cujas expressões de gênero ou posições sociais diferem dos padrões cisheteronormativos. Nessa prática coercitiva, *INCEL* atuam como agentes e dispositivos de rebiologização da sexualidade e da docilização das mulheres cisgêneras e transgêneras. Quando a tática não funciona ou são denunciados por movimentos de direitos humanos, os *INCEL* propagam narrativas de vitimismo diante das lutas sociais, de mulheres ou LGBTQIA+, e se posicionam contrários à luta pela igualdade de gênero ou reticentes aos movimentos identitários. Junto a isso, alegam que são injustiçados pelo marxismo cultural

que usurpa os princípios da família e da moral, promovendo a deturpação do caráter das pessoas.

Importante destacar que o marxismo cultural, um conceito utilizado de maneira enviesada por uma extensa rede de adeptos da extrema-direita, vincula-se à defesa do Tradicionalismo, ou seja, de uma doutrina metapolítica radical cuja discursividade é antagonista da modernidade e arraigada à uma perspectiva espiritualista mística de um novo ciclo (TEITELBAUM, 2020). Para atingir essa nova era e combater os supostos perigos do comunismo, do feminismo, do gênero, do multiculturalismo e dos movimentos identitários, Tradicionalistas exercem influência política nos meios culturais com interpretações megalômanas da realidade, criação de escolas para o despertar de líderes e influenciadores e uso da internet como meio de potencialização de narrativas neoconservadoras de ressacralização dos valores ocidentais. Entre os principais defensores dessa corrente, encontram-se: o escritor Aleksandr Dugin, na Rússia, Steve Bannon e Trump, EUA, e o falecido astrólogo Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo e admirado, dado aos seus posicionamentos de ódio, por *gamers* e *INCEL* brasileiros.

As interseções de todas essas ideologias e suas implicações potencializam a masculinidade tóxica, o privilégio da branquitude e o terrorismo misógino *INCEL* junto a uma gama de expressividade nem sempre compreensível para pessoas que não fazem parte dessa subcultura. Os *INCEL* se comunicam de uma maneira particular, com termos e gírias próprios, adjetivos da cultura *geek* ou *nerd*, *memes*, estereótipos e animes (SMEE, 2020), misturando “imagem, texto e som, ampliando as representações simbólicas do sujeito através de interfaces digitais” (BRAGA, 2021, p. 35) com o universo alternativo das teorias conspiracionistas e masculinistas. Em seus vocabulários encontram-se alguns termos como: a) *Beta* (homem sem atributo); b) *Blackpill*, *Redpill* (quando o cara percebe que nada que ele faça jamais o fará conseguir sexo com alguém); c) *Bonesmashing* (prática de bater até quebrar ossos, mudar sua estrutura óssea. Alguns incels fazem isso para aumentar as mandíbulas, pois não têm grana para cirurgia plástica); d) *Chad* (cara branco, bonito, que ‘rouba’ as minas); e) *Femoid* (termo pejorativo para mulher); f) *Roastie* (‘arrombada’; incel acredita que uma mulher fica deformada se faz sexo); g) *Stacy* (bonitona, tem qualquer cara a seus pés, pega Chads) (ARONOVICH, 2019).

Mais que neologismos, essas palavras são processos de subjetivação dos corpos e adoção estética da linguagem injuriosa (BUTLER, 2021) que extravasam os limites do virtual, vinculando-se a modos de ser específicos e estruturas de poder que dilatam os

ideários da masculinidade padrão, as concepções de gênero excludentes, a heterossexualidade compulsória e a lógica patriarcal de opressão e violência – a responsável por gestar perfis de homens dominantes e mulheres subalternizadas. Logo, essas expressões, em fóruns *INCEL* e meios antifeministas, são um fluxo implacável de frustração sexual, afirmação de atributos de interpretações evolutivas equivocadas (darwinismo social) e misoginia pela qual mulheres são descritas pelos *mascus* como ‘bocetas inúteis, prostitutas, idiotas, pardinhas, macacas, sujas, débeis mentais, infantis, burras, merecedoras de estupro’ e etc.

O que tensionamos explicitar, ao longo da escrita, é o efeito perverso dessa explosão de referências, discursos, engajamentos, jargões e incitação à violência contra grupos socialmente subalternizados, em especial, mulheres. Logo, o subtexto propagado e em destaque no meio *INCEL* é tanto o excesso de violência quanto o esvaziamento dos sentidos das violações visando, por conseguinte, uma espécie de sustento de narrativas afirmadoras de que tudo não passa de uma brincadeira, do exercício da liberdade de expressão ou do manifesto inocente de jovens estudantes contrariados com suas realidades e com a decadência do ‘Cistema’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos as linhas de atuação dos *INCEL*, mas também trazemos o alerta de que para as pessoas vitimizadas e subjugadas física, psicológica ou simbolicamente falando, violência e opressão não são brincadeiras ou trolagens adensadas em modismos, subculturas ou condutas que facilmente se esquecem. Violências masculinistas e patriarcais são antes um sistema estrutural interconectado por instituições, práticas, políticas, crenças e comportamentos que prejudicam, desvalorizam e aterrorizam mulheres, LGBTQIA+, gêneros dissidentes das normas, etc. Organizações *INCEL* e o conjunto de práticas *mascus*, na internet ou em meios acadêmicos, são, portanto, performances sistêmicas de dominação, controle e colonização de corpos, gêneros e sexualidades ramificadas em extremismos.

REFERÊNCIAS

ARONOVICH, L. Quem a misoginia matou hoje. **Escreva Lola, escreva**, 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/DhwpHW>>. Acesso em 10 fev. 2022.

_____. Quando misóginos se tornam terroristas. **Escreva Lola, escreva**, 2018.

Disponível em: <<https://bityli.com/tWsqcJ>>. Acesso em 10 fev. 2022.

_____. O vasto vocabulário de um incel. **Escreva Lola, escreva**, 2019. Disponível em:
<<https://bityli.com/tWyQXe>>. Acesso em 11 fev. 2022.

BRAGA, N. B. C. **A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários**. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2021.

BUTLER, J. **Discurso de ódio** – uma política do performativo. São Paulo: UNESP, 2021.

DIAS, A. A. M. **Observando o ódio**. 2018. 366 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2018.

DECLERCQ, M. A tristeza infinita dos incels. **Vice**, 2019. Disponível em:
<<https://bityli.com/UOdbq>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

LING, J. Not as ironic as I imagined!: the incels spokesman on why he is renouncing them. **The Guardian**, 2019. Disponível em: <<https://bityli.com/KmHfHg>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

NAGLE, A. **Kill All Normies**. UK (USA): Zero Books, 2017.

Quem são os 'incels' – celibatários involuntários –, grupo do qual fazia parte o atropelador de Toronto. **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em:
<<https://bityli.com/FHkkxX>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RUBIN, G. Pensando sobre sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 1-88, 2003.

SMEE, G. **As inconcebíveis aventuras do super-incele e os cabulosos nerds tóxicos**. Florianópolis: Skript Editora, 2020.

TEITELBAUM, B. R. **A guerra pela eternidade**. Campinas: UNICAMP, 2020.

THE GUARDIAN. Not as ironic as I imagined: the incels spokesman on why he is renouncing them. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2018/jun/19/incels-why-jack-peterson-left-elliott-rodder>, de 18 de junho de 2018. Acesso em: 20 de junho de 2022.

VALENTI, J. When misogynists become terrorists. **The New York Times**, 2018. Disponível em: <<https://bityli.com/BaqmWW>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VARGAS, A. Um ano após ataque em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://bityli.com/mRHDII>>. Acesso em: 11 fev. 2022.